

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Comparativamente com outras áreas de conhecimento, os Estudos de Rádio e de Som têm, a nível mundial, uma tradição relativamente menor e mais discreta no quadro das Ciências da Comunicação. Embora as linguagens sonoras sejam até anteriores à comunicação visual, a consolidação dos chamados *communication studies* está muito mais ligada ao interesse despertado pelos suportes visuais que se expandiram ao longo do século XX do que ao interesse pelos meios de natureza exclusivamente acústica. Vários fatores poderão explicar, do ponto de vista histórico, este *deficit* de atenção dos investigadores pela comunicação sonora. A emergência da Comunicação como disciplina universitária é mais ou menos contemporânea do aparecimento da televisão. Por isso, o fascínio pela imagem em movimento, que já se conhecia desde o cinema, sobrepôs-se, logo no início da delimitação do campo da Comunicação, a qualquer outra forma de linguagem. Com uma presença sólida, mas menos eufórica do que a televisão, a rádio foi rapidamente negligenciada como meio num contexto de céleres transformações tecnológicas. Tornou-se quase invisível em termos académicos, embora nunca esquecida em absoluto.

A isto acresce o facto de os métodos científicos estarem muito mais vinculados à observação do que ao exercício do ouvido. Tradicionalmente, a oralidade é vista como mais relacionada com o rumor, sendo os suportes escritos e visuais aparentemente mais credíveis. Mas o comportamento humano é desde sempre profundamente afetado pelos ambientes acústicos em que nos inscrevemos. Para além da música – que é provavelmente a linguagem sonora mais estabelecida –, o enquadramento sonoro das nossas atividades quotidianas inclui vozes, ecos, ressonâncias, a repercussão dos objetos, efeitos sonoros produzidos por dispositivos eletrónicos e as próprias vibrações audíveis da natureza. Ainda assim, pode-se dizer com

propriedade que, nas Ciências da Comunicação, estão pouco desenvolvidas as metodologias de análise de som. Do ponto de vista científico, com efeito, há que reconhecer que não somos ensinados a ouvir nem a produzir pesquisa focada no som. Os Estudos de Rádio e de Som padecem, portanto, da fatal dificuldade de estudar o que não se vê.

Com uma presença especialmente forte em alguns países e regiões do globo, a rádio tem, no entanto, conquistado uma dedicação crescente no campo científico. Num tempo em que se começa a falar da degradação das linguagens visuais, por saturação, assistimos a um retorno ao som como linguagem de valor humano e social. O final do século XX corresponde por isso à emergência tardia dos Estudos de Rádio e de Som, acompanhada desde o início pela comunidade científica brasileira. Num percurso de mais de 20 anos, a pesquisa nesta área tem registado no Brasil uma trajetória empenhada na preservação da relevância científica da rádio e dos média sonoros. Como se conta num capítulo deste livro sobre *Pesquisa em rádio no Brasil – o protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom*, os índices de produtividade nesta área científica são bastante significativos, com a publicação de quase três centenas de livros e a realização de 125 teses de doutoramento.

Em Portugal, porém, os Estudos de Rádio dão ainda apenas os primeiros passos enquanto área formal. Do período entre 1991 (ano da primeira tese de doutoramento em Ciências da Comunicação realizada em Portugal) e 2012, conhecem-se apenas trabalhos relativamente ocasionais ou isolados, de investigadores que dedicaram a sua formação de pós-graduação a este meio. Só em 2013 se iniciou um movimento de contacto entre os investigadores portugueses, que culminou em outubro daquele ano na criação do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Sopcom, a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. No último capítulo deste livro, que faz uma *cartografia dos Estudos de Rádio em Portugal*, reconhece-se que a comunidade científica portuguesa dá sinais de um entusiasmo emergente por esta área, movida pelos desafios que a Internet coloca ao meio rádio e à produção de arte sonora.

Com histórias muito desiguais, marcadas por uma distância de duas décadas, o Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Sopcom (Portugal) e o Grupo de Pesquisa de Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Brasil) – propositadamente homónimos – iniciaram movimentos de aproximação entre si que se materializam neste primeiro livro em coedição. Embora partindo de situações muito distintas, desde logo pelo número de investigadores que integram (quase duas centenas no Brasil e apenas duas dezenas

em Portugal), estes núcleos beneficiam da partilha de uma língua comum e de relações históricas entre os dois países que favorecem as redes de cooperação e concorrem para a formulação de questões de pesquisa comuns.

É certo que a situação atual do setor da rádio é bastante distinta nos dois países. Tanto pelo contexto social como pela tradição política de administração do meio, Brasil e Portugal têm uma experiência da rádio que pouco se presta a trabalhos comparativos. Os níveis de desenvolvimento, a diversidade geográfica e o enquadramento político criam obstáculos à realização de pesquisa comparada, nomeadamente pela dificuldade de estabelecer equivalências. No entanto, na perspetiva dos Estudos Culturais, os horizontes de pesquisa são talvez muito mais promissores. Desde a análise das especificidades da linguagem à problematização do som como registo de identidade, são inúmeras as vias de interesse partilhado entre os dois países, que podem passar inclusive pela produção de conhecimento relevante à criação de rádios comunitárias *online* em cooperação.

Nos últimos anos aumentou consideravelmente o fluxo de estudantes, professores e investigadores entre Portugal e o Brasil. Beneficiando dos programas de intercâmbio, esta área tem o desafio de se posicionar internacionalmente face aos estudos de tradição anglo-saxónica. Foi também com o propósito de iniciar essa batalha que se realizou, em setembro de 2014, em Foz do Iguaçu (Brasil), uma sessão especial Brasil-Portugal, no âmbito do Grupo de Pesquisa de Rádio e Mídia Sonora, no congresso nacional da Intercom. Este livro nasce dessa primeira organização conjunta, onde foram apresentados e/ou pré-divulgados os trabalhos de alguns capítulos. A obra reúne um conjunto de contributos de autores portugueses e autores brasileiros que, a partir de olhares muito diversos, permitem conhecer algumas das idiosincrasias dos Estudos de Rádio neste eixo lusófono. O objetivo desta publicação é, pois, dar o mote a outras iniciativas futuras que permitam a realização de projetos em parceria e a produção, em língua portuguesa, de trabalhos que possam desejavelmente incluir também os países da África lusófona.

Organizados em quatro secções, os capítulos que integram este livro analisam aspetos da história da rádio enquanto meio de registo da memória coletiva, refletem sobre práticas da atividade radiofónica na dinamização da cultura, examinam a evolução da rádio para plataformas multimodais e a sua migração progressiva para a Internet e perspetivam horizontes de pesquisa. Porque se trata de uma obra produzida dos dois lados do Atlântico, nela se misturam as ortografias portuguesa e brasileira, razão pela qual rádio assume ora o género feminino ora o género masculino, por

exemplo. No essencial, em todos os textos se fala de um meio que conjuga o recurso a palavras simples com a capacidade ilustrativa do som. Apesar dos discursos que hoje defendem a caducidade da rádio enquanto meio de comunicação, pretensamente suplantado por outros veículos mais sofisticados, em todos os capítulos se parte do princípio de que a rádio é ainda um meio vivo, pertinente e necessário. Mesmo que outros meios possam até revelar-se mais eficazes a difundir e fazer circular informação, nenhum outro como a rádio nos proporciona a experiência de ouvir.

Com a publicação deste livro, renovamos por isso a convicção de que, no domínio científico, a trajetória percorrida não esgota o que há a conhecer de um meio que, desde o seu aparecimento, tem dado provas de uma natureza adaptativa e se tem ajustado aos desafios de cada época. Miniaturizou-se para dispositivos de dimensões cada vez menores, incorporou-se nos automóveis e hoje habita os telefones móveis com a discrição que sempre o caracterizou. Mesmo que a nossa atenção se possa dispersar hoje por inúmeros ecrãs, há ainda uma sintonia onde a rádio ou mais genericamente as produções sonoras continuam a frequentar o nosso imaginário. Isso basta para que o trabalho académico e científico neste domínio continue fazendo sentido.